

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FABIO UNIKOVSKI SCHAMES

***Diário do subsolo: uma leitura sobre o mal-estar moderno ocidental
de antes da psicanálise à psicanálise***

SÃO PAULO

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

FABIO UNIKOVSKI SCHAMES

***Diário do subsolo: uma leitura sobre o mal-estar moderno ocidental
de antes da psicanálise à psicanálise***

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para a graduação no
Curso de Psicologia sob orientação da(o)
Prof. Dr. Janderson Farias Silvestre
Ramos

SÃO PAULO

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Ilson e Cintia por sempre me apoiarem em minhas escolhas, por terem tornado possível o sonho de realizar a graduação em psicologia, e principalmente, por me ensinarem cotidianamente o que é o amor.

Agradeço à minha melhor amiga Laura, que há vinte anos tenho a sorte de chamar de irmã. Sempre me faltarão palavras a você.

Agradeço aos amigos que estiveram comigo durante essa intensa jornada que é a graduação, com especial carinho para Alex, João, Nathalia, Marcella, Amanda, Renata e Laura.

Agradeço ao meu tio Mauro por ter me introduzido à beleza que é a literatura russa e por todo o companheirismo desses últimos dois anos, nesse mergulho conjunto ao universo acadêmico.

Agradeço aos meus dois orientadores Camila e Janderson, por todo o carinho e disposição e por terem clareado o desejo que eu tinha sobre esta pesquisa.

Agradeço à minha professora Paula Regina Peron, com quem pude aprender de maneira única, desde o último ano, sobre como se elaborar e construir uma pesquisa acadêmica.

“A memória não é apenas uma pedra com hieróglifos entalhados, uma história contada. A memória lembra dunas de areia, grãos que se movem, transferem-se de uma parte a outra, ganham formas diferentes, levados pelo vento. Um fato hoje pode ser relido de outra forma amanhã. Memória é viva. Um detalhe de algo vivido pode ser lembrado anos depois, ganhar uma relevância que antes não tinha, e deixar em segundo plano aquilo que era então mais representativo. Pensamos hoje com a ajuda de uma parcela pequena do nosso passado”

Marcelo Rubens Paiva

“As palavras permitem todo tipo de realidade”

Carla madeira

RESUMO

Autor: Fabio Unikovski Schames

Título: *Diário do subsolo*: uma leitura sobre o mal-estar moderno ocidental de antes da psicanálise à psicanálise

Orientador: Janderson Farias Silvestre Ramos

Ano: 2025

A pesquisa teve por objetivo discutir o mal-estar moderno ocidental através de uma leitura crítica e atenta do *Diário do subsolo*, livro publicado por Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski no ano de 1864. Considerando o fato de que esta obra antecede o advento da psicanálise e que a discussão sobre a subjetividade moderna ocidental encontra-se no cerne da mesma, o atual trabalho foi dividido em três capítulos: no primeiro, o sujeito moderno ocidental foi caracterizado a partir de uma perspectiva histórica, ilustrando o objeto abordado tanto por Dostoiévski quanto pela psicanálise; no segundo, discutiu-se sobre a trama que permeia o *Diário...*, buscando dialogá-la com a temática central; e na última, foram analisadas referências psicanalíticas essenciais à discussão sobre o conflito do sujeito moderno com a civilização, sendo eles *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) e *O mal-estar na civilização* (1930).

Palavras-chave: Diário do subsolo, Dostoiévski, mal-estar moderno, Psicanálise.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. MÉTODO.....	8
3. O SUJEITO MODERNO OCIDENTAL.....	9
4. <i>DIÁRIO DO SUBSOLO</i> (1864), DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI.....	13
4.1. INTRODUÇÃO À OBRA.....	13
4.2. A ESCRITA DE SI COMO DISPOSITIVO MODERNO.....	14
4.3.. FICHAMENTO DA OBRA.....	16
4.3.1. PRIMEIRA PARTE.....	16
4.3.2. SEGUNDA PARTE.....	18
4.4. PATOLOGIA MODERNA: O SUBSOLO.....	24
5. CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS À DISCUSSÃO SOBRE O SUBSOLO MODERNO.....	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski é um dos nomes mais pertinentes da literatura russa do século XIX. Nascido em Moscou, vivenciou um dos períodos considerados mais turbulentos e sombrios da história russa: o reinado do Czar Nikolai I¹. Um dos marcos da vida do autor, determinante para a identidade de suas obras, foi o fato de ter sido exilado aos campos de concentração da Sibéria em 1849 para realizar trabalhos forçados e, posteriormente, servir ao exército russo, somando-se aproximadamente dez anos de exílio em decorrência do fato de seu nome ter sido associado à participação em grupos subversivos que conspiravam contra o czar. A partir disso, o viés das obras do autor passa por consideráveis transformações, passando de um escritor romântico a um escritor crítico ao racionalismo² e ao romantismo³, sendo estes os dois valores europeus característicos da Modernidade que estavam sendo assimilados em solo russo naquele contexto, colocando em cheque os valores tradicionais nacionais (Fernandes, 2021).

Uma das obras de Dostoiévski, *Diário do Subsolo* (*Записки из Подполья*, como do original russo), foi publicada em 1864 e longe de ser a mais conhecida produção do autor, pode ser considerada a primeira a evidenciar o perfil de um novo Dostoiévski retornado do exílio. Devido à atualidade da discussão que permeia o *Diário...* e devido a sua busca por representar e analisar a subjetividade moderna, a obra foi escolhida para ocupar a centralidade da atual pesquisa, que será de ordem teórica e terá como enfoque justamente a investigação sobre o mal-estar moderno ocidental a partir de seu estudo.

Para tanto, os objetivos específicos serão a caracterização do sujeito moderno ocidental a partir de uma perspectiva histórica, a discussão e contextualização da obra, e o levantamento de contribuições freudianas à discussão sobre o mal-estar moderno, a partir dos quais a pesquisa será seccionada em diferentes capítulos. A

¹ Imperador russo de 1825 a 1855, cujo governo é considerado um dos mais rígidos em toda a história da Rússia czarista (Dostoiévski, 2019, p. 9)

² O pensamento racionalista introduzido por Descartes produzia uma leitura da realidade em que o sujeito, apartado e independente das influências do meio à sua volta, utilizaria da razão como instrumento de apreensão do mesmo com o fim de captar a verdade do mundo (Furtado; Szapiro, 2018).

³ Conceituado por Fernandes (2021): “Os românticos do século XIX, certos de que poderiam enfrentar o individualismo racionalista, promoveram uma reconciliação do humano com as dimensões transcendentais da existência, o que marcou também certo retorno às ideias tradicionalmente cristãs.” (p. 138)

respeito do último objetivo específico elencado, dois textos escritos por Freud tiveram prioridade nesta investigação, sendo eles *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) e *O mal-estar na civilização* (1930), os quais apresentam dois discursos distintos realizados pelo criador da psicanálise a respeito dos conflitos do sujeito em relação à Modernidade. Além destas, foram utilizados neste trabalho determinados textos recomendados por professores em sala de aula, e houve também o auxílio do Google acadêmico e da biblioteca da PUC-SP para a seleção da bibliografia, para os quais foram utilizadas as palavras-chave: sujeito moderno ocidental, diários íntimos, Dostoiévski e Diário do Subsolo.

2. MÉTODO

A partir da experiência clínica iniciada por Freud, Green (2018) aponta para o advento do que chama de *pensamento clínico*, o qual não se refere necessariamente e estritamente à clínica, mas a um modo original e específico de racionalidade que surgira a partir da mesma, a qual opera forjando construtos teóricos em busca de expressar as razões do inconsciente. Esse pensamento pode-se voltar à análise de objetos para além do *setting* analítico, e é importante pontuar que ele sucede à experiência clínica, de forma que todos os analistas que reafirmaram, acrescentaram ou reformularam as concepções freudianas, fizeram a partir de suas respectivas práticas analíticas (Violante, 2000).

Tendo como ponto de partida o pensamento clínico, nesta pesquisa será utilizado o método da psicanálise aplicada, buscando dialogar conceitos psicanalíticos com o subsolo moderno criado por Dostoiévski. Dessa maneira, fazendo uma investigação da psicanálise antes da psicanálise, Freud é situado como um homem de seu tempo, desconstruindo sua primazia na discussão sobre o mal-estar moderno ocidental e possibilitando a investigação de outros autores anteriores a ele, que além de agregarem à discussão, podem ter tido influência no advento da psicanálise, principalmente aqueles que se tem notícia de terem sido lidos assiduamente por Freud, como é o caso de Dostoiévski.

3. O SUJEITO MODERNO OCIDENTAL

“O mundo se dana ou eu não bebo este meu chá, hein? Prefiro que o mundo se dane, contanto que eu sempre beba meu chá” (Dostoiévski, 1864/2019, p. 122)

A citação acima, escrita pelo narrador anônimo do livro *Diário do Subsolo* em seu diário íntimo, está registrada na contracapa da edição realizada pela editora Martin Claret. Ela foi escolhida para a abertura desta sessão pela razão de representar a essência da subjetividade moderna ocidental.

O sujeito moderno ocidental é descrito por Calligaris (1998) pelo fato de organizar seu mundo e não o contrário, o que pode ser explicado a partir da valorização cada vez maior da dimensão interior, que indefinida, possibilita a realização da própria experiência singular tal como uma “aventura autônoma individual” (p. 46), a ser criada, elaborada e inventada. Levando-se em conta que essa descrição se refere especificamente ao sujeito moderno ocidental, é importante a colocação de Michel Foucault (1957/1999) de que a humanidade não possui uma determinação comum irreduzível que assimila seus seres entre si, de forma que ao se voltar o olhar sobre a concepção de subjetividade, também não haveria de considerá-la irreduzível e universal, mas determinada a partir de fatores contextuais, sendo assim, dessa maneira, mutável.

O embrião ao projeto de uma interioridade individualizada característica da Modernidade, como apontam Furtado & Szapiro (2018) a partir de uma investigação sobre a constituição da subjetividade moderna, situa-se nos séculos IV e V com o pensamento agostiniano. De acordo com Agostinho, para alcançar a verdade interior deveria-se praticar uma atitude de vigilância sobre si mesmo e de controle da libido (Brown, 2001 *apud* Furtado; Szapiro, 2018), tendo como pano de fundo a justificativa de que haveria em cada sujeito algo escondido e pecaminoso a ser confessado. A partir desta perspectiva, a confissão dos mais íntimos segredos poderia levar a um estado de salvação através de uma suposta correção de comportamentos considerados errôneos. De outra maneira, seria possível dizer que o conhecimento de si levaria à salvação, e com isso, a investigação sobre as mais profundas intimidades e sobre os mais profanos desejos teria passado à uma prática comum (Furtado; Szapiro, 2018), tanto que Santo Antônio (1195-1231) na época já havia incentivado algo semelhante à escrita moderna em diários íntimos. No caso, a

proposta era de uma escrita que levasse ao auto adestramento, que pudesse suscitar a vergonha e a proteção contra pensamentos considerados impuros, levando o sujeito a revelar aspectos que muitas vezes permaneciam escondidos até de si próprio (Foucault, 2006 *apud* Furtado; Szapiro, 2018).

De acordo com Figueiredo (1997), a partir da falência do mundo medieval e do conhecimento mítico-religioso, o homem⁴ europeu foi lançado a uma condição de desamparo. A partir da retirada de uma ordem superior que o amparava, o homem por um lado é levado a uma sensação de liberdade e à possibilidade de uma abertura sem limites ao mundo, mas por outro, a um estado de insegurança: “como escolher o que é certo e o que é errado sem um ponto seguro de apoio?” (p. 24). Dessa forma, a perda de referências característica do Renascimento acaba por ser marcado pela riqueza de formas e experiências e pela produção intensa de conhecimento, constituindo ao sujeito novos modos de ser. E o homem se vendo nesse lugar de responsabilização pelo destino e pelas próprias escolhas, sem a possibilidade de esperar por outras figuras de autoridade que viessem a impor uma nova moral, passou a valorizar cada vez mais a si mesmo e a sua produção, assumindo os atributos até então próprios a Deus.

Com o grande individualismo nascente e o renascimento do Ceticismo⁵, ocorreram em contraponto diferentes reações, tais como o Racionalismo e o Empirismo, que visaram estabelecer novas e mais seguras bases para as crenças e ações humanas. Para Figueiredo (1997), o Racionalismo pode ser estabelecido como o marco determinante para o advento da Modernidade, através do qual Descartes buscou superar a grande dispersão característica do Renascimento e o Ceticismo. A ideia do filósofo consistia em submeter todo o conhecimento que se havia a uma dúvida metódica, de forma que somente as idéias consideradas absolutamente claras pudessem ser consideradas verdadeiras e servir de base para a filosofia e as ciências. Parecendo tudo incerto, considerando que os sentimentos e órgãos de sentido seriam passíveis a enganos, encontra finalmente um fundamento inquestionável para o

⁴ A utilização do substantivo “homem” se dá devido ao fato de estar se falando sobre uma época em que predominava o patriarcalismo. Dessa forma, essa nota acaba por ser uma crítica anacrônica à utilização do termo.

⁵ Escola de filosofia grega que apontava que qualquer conhecimento seguro sobre o mundo seria impossível (Figueiredo, 1997).

conhecimento: no momento em que dúvida, há a certeza da ação de se duvidar, e essa ação requer um sujeito, dando origem à famosa frase *penso, logo existo*. A única certeza de Descartes passa a ser a de sua própria existência, e logo a primeira evidência incontestável seria a de um *eu* imanente, que estaria a assegurar o acesso a um conhecimento objetivo do mundo (Figueiredo, 1997).

Por conta do advento do Racionalismo, Descartes se tornou um dos precursores ao que viria a ser o Iluminismo no século XVIII, caracterizado pela valorização de ideais tais como o cientificismo, o antropocentrismo, o humanismo e o próprio racionalismo, marcando a transição do pensamento religioso ao pensamento científico, descrito por Kant pela saída do sujeito de sua “incapacidade de se servir do entendimento (razão) sem a orientação de outrem” (1783, p. 516). É importante pontuar que todas essas transições e mudanças não foram contínuas e lineares, e que junto a elas já existiam movimentos que caminhavam por outras direções, inclusive, contra os próprios princípios iluministas, criticando as pretensões totalizantes do eu, da razão universal e do método (Figueiredo, 1997; Furtado, Szapiro, 2018)

Segundo o sociólogo Georg Simmel (1858-1918), o cientificismo era caracterizado, além de tudo, pela busca de leis universais generalizantes, tratando de fenômenos destoantes como isolados. Partindo dessa perspectiva, a investigação sobre as propriedades do sujeito visava um *homem universal*, valorizando o lugar mais profundo da individualidade como aquele da igualdade universal. Assim, surgem autores que apontam a necessidade de emergência de uma nova perspectiva que pudesse englobar a singularidade de cada sujeito, tais como Schleiermacher (1768-1834), que defendia a diferenciação como uma obrigação ética. Justamente nesse viés, o individualismo teria surgido como contraponto ao mecanicismo natural cientificista, lutando contra a homogeneidade e a universalidade dos sujeitos em prol da excepcionalidade e da singularidade (Rosa, 2018), e nesse mesmo viés, a interioridade também vai se configurando como um lugar precioso e secreto nas profundezas do sujeito, na qual era possível esconder pensamentos, sentimentos e emoções a si (Furtado & Szapiro, 2018)

No final do século XIX e início do XX, as noções de interioridade e de subjetividade sofrem um novo impacto a partir da primazia do estudo do inconsciente

por Freud: “O inconsciente é precisamente a enunciação de uma impossibilidade radical, dada ao sujeito por estrutura, de ser uno: é um outro lugar psíquico, uma outra cena” (Elia, 1995, p. 41 *apud* Furtado; Szapiro, 2018). Dessa forma, se com Descartes o *eu* era confundido com a consciência, a partir da descoberta do inconsciente se tornou um espaço indeterminado, inacabado e contraditório, levando a significativas transformações nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo, ou em outras palavras, ocasionando revoluções na subjetividade.

Com isso, a dimensão da interioridade com suas especificidades e particularidades passa a ser valorizada e cultivada como nunca fora antes. Furtado & Szapiro (2018) então apontam que a interioridade psicológica seria o atributo inaugural da subjetividade moderna, por conta da qual o sujeito passa a adotar práticas hermenêuticas e a escrita de si em cartas, diários íntimos e nos denominados romances psicológicos (por meio dos quais os personagens derramam suas dores em centenas de páginas, dando sentido ao sofrimento oriundo de sua intimidade) visando dar sentido aos fenômenos internos, que indeterminados, tornaram-se por um lado fonte de mal-estar, e por outro, potencialidade à invenção de si e à construção de um sentido ao mundo.

4. DIÁRIO DO SUBSOLO (1864), DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

4.1. INTRODUÇÃO À OBRA

No final do século XIX e início do XX, a civilização europeia se encontrava atravessada por grandes sistemas filosóficos que buscavam através da técnica e da ciência reconciliar as contradições inerentes ao convívio humano, ambicionando tudo controlar e prever. Quanto à experiência humana, estes sistemas ignoravam as singularidades em prol da busca de um “homem universal” (Fernandes, 2021; Santana, 2006), e na Rússia, um dos maiores nomes vinculados a essa visão de mundo é o de Nikolai G. Tchernichevski (1828-1889), o qual possuía grande influência sobre a juventude revolucionária russa, abordando o racionalismo moderno e o cientificismo⁶ como meios possíveis à construção de uma sociedade perfeita. É a respeito dessa perspectiva que Dostoiévski centraliza sua escrita no romance psicológico *Diário do Subsolo* (Frank, 2018).

A partir da criação do personagem do Homem do Subsolo, o autor realiza uma crítica contundente ao cientificismo pelo fato de não abarcar em si os sentimentos morais e sociais humanos, postulando não ser possível limitar ou ignorar a realidade humana em prol do otimismo da razão e do progresso. Essa crítica, porém, é realizada por Dostoiévski de dentro das próprias doutrinas que visa criticar, através das consequências destrutivas que ocorrem a um personagem fictício que passa grande parte de seu tempo buscando adotá-las como princípios norteadores de sua vida, o que segundo Costa (2017), poderia ter-se dado devido a uma descrença de Dostoiévski em um futuro no qual os sujeitos pudessem se encontrar absolutamente autônomos psicologicamente.

Como o próprio título sugere, o livro é escrito na forma de um diário íntimo (ou *journal*, tal como será abordado a seguir), e é dividido em duas partes: na primeira, a partir de uma crítica ao racionalismo dos anos 1860, ocorre um monólogo existencial do narrador que busca justificar-se através de um discurso objetivo sobre suas frustrações acumuladas que ainda permaneciam a lhe perturbar, tendo tido seus desejos barrados pelas exigências morais da sociedade na qual está inserido:

⁶ Concepção filosófica ou tendência intelectual que defende o pensamento sobre todas as esferas da realidade por meio de categorias lógicas, sistemáticas (Crochic; Massola; Svartman, 2015).

A cada instante, percebia dentro de mim muitíssimos elementos opostos àquilo [a raiva]. Sentia-os fervilharem dentro de mim, aqueles elementos opostos. Sabia que eles tinham fervilhando toda a minha vida, pedindo para eu os soltar fora, mas não os deixava saírem e não deixava adrede. Eles me atormentavam até a vergonha, levavam-me às convulsões e finalmente me aborreceram - e como aborreceram! (Dostoiévski, 1864/2019, p. 22)

Na segunda, Dostoiévski elabora uma crítica ao romantismo dos anos 1840 a partir da confissão realizada por seu personagem fictício sobre episódios⁷ ocorridos dezesseis anos antes com a participação de outros personagens, todos descritos de dentro do subsolo e tornando contundente sua escória e seu sadismo acumulados pelo meio que o cerca.

A obra apresenta uma cisão entre o mundo exterior, arraigado pelo moralismo, e o subsolo do narrador, onde se passa toda a narrativa e onde o mesmo mostra-se abafado, ou sufocado, entre seus mais repugnantes segredos e ideais frustrados, como descrito por Oleg Almeida no prefácio intitulado “O subsolo espiritual e seus habitantes”, da edição realizada pela editora Martin Claret: “Ele [Homem do Subsolo] é, pois, um sonhador que se esconde, atrás de suas quimeras, da realidade, por se achar alheio a ela (...) suas fantasias lhe substituem, de fato, as emoções e ações positivas” (Almeida in Dostoiévski, 2019, p. 10-11). Mesmo que frustrado, não realizado e de dentro do subsolo, o narrador busca de forma diligente persuadir o leitor sobre o quanto seria mais desenvolvido que as outras pessoas, mesmo não fazendo absolutamente nada para realizar esse seu suposto potencial.

Por fim, numa nota autoral que precede o livro, Dostoiévski (2019, p. 19) relata que o Homem do Subsolo estaria a representar uma das personalidades de seu tempo, carregando em seu âmago uma crítica social sobre a Rússia de Nikolai I, “cuja opção de viver no subsolo espiritual teria sido a única alternativa possível de quem preferisse abster-se de quaisquer atividades minimamente nefastas a ser castigado por elas” (Almeida in Dostoiévski, 2019, p. 12).

4.2. A ESCRITA DE SI COMO DISPOSITIVO MODERNO

⁷ De acordo com Frank (2018), episódios inteiros tais como as tentativas de vingança com um oficial na avenida Niévski ou o encontro com a prostituta Liza têm como modelo episódios de escritos de Tchernichévski e se dão como paródias que visam inverter o sentido dos mesmos em relação ao contexto original.

No texto *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos* (1998), Calligaris divide a escrita autobiográfica em quatro diferentes categorias:

- a. a autobiografia [como escrito recapitulativo, quase sempre retrospectivo, que visa a construir ou inventar a imagem no tapete de uma vida];
- b. o diário íntimo (journal): geralmente afastado dos eventos externos, meditativo, desenvolve uma imagem de vida interior;
- c. o diário (diary): anotações no dia-a-dia sem a ambição de estabelecer ou propor um pattern⁸;
- d. as memórias (memoirs): anotações dos fatos, sobretudo os acontecimentos externos, como para se lembrar e lembrar o que aconteceu. (p. 46)

Tratando especificamente da autobiografia e do *journal*, o autor aponta que ambos progridem de maneira diretamente proporcional ao triunfo do individualismo ocidental e que são suscetíveis de modificar diretamente a vida do sujeito moderno, que sofre do vazio que constituiu em si ao recusar um destino e uma essência decididos pela tradição. Em suas palavras, “uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos” (p. 51). Para Bruss (1976 *apud* Calligaris, 1998), o sujeito que fala e escreve de si está literalmente a se produzir, pois o ato de narrar-se seria indistinguível do ato de se inventar uma vida, e partindo desta perspectiva, seria possível dizer que a investigação sobre a interioridade não se diferiria em nada do ato de inventá-la.

Essa discussão é ampliada a partir de uma publicação recente, na qual Montero (2023) define o sujeito moderno pelas palavras que enuncia, através das quais busca construir à sua vida um sentido. A autora então referencia Epíteto, o qual apontava que o sujeito seria afetado não pelo que lhe acontece, mas pelo que conta do que lhe acontece, de forma que a transformação do relato mostraria-se potencializador à transformação da própria vida. Montero demonstra essa perspectiva ao adotar como exemplo a psicanálise clássica, na qual um dos objetivos estaria justamente na construção de uma nova narrativa pessoal. Partindo desse ponto de vista, se refere ao humano como um “romancista” (p. 172), um escritor do livro de sua existência; e à memória como uma fantasia, considerando a distorção dos fatos como uma das características norteadoras das autobiografias. A construção de uma

⁸ Do inglês, *padrão*.

fantasia, no caso, estaria a criar aparências de ordem e destino ao caos, pois caso contrário, para a autora, a vida se tornaria uma “verdade inabitável” (p. 172).

Sendo indispensável os atos autobiográficos da historicidade do sujeito moderno, o próprio Freud por sua vez já havia emitido um posicionamento a respeito das práticas biográficas que contribui à nossa discussão. Paul Roazen (1978), em uma busca por estabelecer uma maior proximidade com o *homem Freud*⁹ através da coleta de relatos de seus contemporâneos, encontra em uma de suas cartas uma colocação que o psicanalista fez quando Arnold Zweig se propôs a escrever sua biografia. Escreve que “quem se faz biógrafo compromete-se com mentiras, dissimulações, hipocrisias, adulações, ocultando a própria falta de compreensão, porque não se pode chegar à verdade biográfica” (Freud, s. d. *apud* Roazen, 1978, p. 38).

Em *Diário do Subsolo*, como veremos a seguir, a escrita pode ser caracterizada a partir desta descrição realizada por Freud. Em uma análise da obra, Joseph Frank (2002 *apud* Santana, 2006), literário dedicado ao estudo sobre a vida e a obra de Dostoiévski, aponta que em *Diário...* há muita pouca objetividade pelo fato das representações escritas serem puramente imaginárias, devido às distorções e exageros que seu narrador realiza, caracterizando sua escrita pela distância do aspecto racional e objetivo. Sem mais, vamos à obra.

4.3. FICHAMENTO DA OBRA

4.3.1. PRIMEIRA PARTE

O Homem do Subsolo se apresenta ao leitor em seu diário íntimo como um sujeito “doente maldoso” (p. 21). Tratando de seu aspecto doente, afirma não saber do que se trata e nem se esforçar para tanto e tratando do aspecto maldoso, logo se desmente afirmando nunca ter extravazado sua ira pelo meio que o cerca, contendo-a em seu Subsolo.

⁹ Expressão retirada de meu trabalho de Iniciação Científica intitulado *Otto Gross: vida, obra e diálogos com a psicanálise* (2025), a partir do qual investiguei a vida e a produção de Otto Gross, autor dissidente do movimento psicanalítico. Para tanto, precisei desconstruir a onipotência de Freud do campo psicanalítico e construir uma relação mais humanizada com o denominado Homem Freud, principalmente através dos escritos de Paul Roazen.

Este sujeito, que nem ao menos revela seu nome, escreve inicialmente no diário um monólogo algumas vezes interrompido por um interlocutor imaginário, com a finalidade de indagar a natureza de sua doença até então inominada, e a partir disso explora uma crítica contundente ao racionalismo dos anos 60 do século XIX: “um homem inteligente do décimo nono século tem a obrigação moral de ser um ente irresoluto por excelência, devendo um homem resoluto e ativo ser um ente por excelência limitado” (p. 22). Continua a escrita afirmando que a própria consciência por si mesma seria uma doença, pelo fato de levar o sujeito a um estado de inércia que impediria ações desejadas não condizentes com os princípios morais impostos pela sociedade.

Com isso, elabora brevemente uma diferenciação entre duas categorias de sujeitos: os homens normais (ou naturais) e os homens de consciência, explicando-as através de uma alegoria na qual um touro enraivecido se vê barrado por um muro: ao touro representado pelo homem de consciência, o muro produziria um estado de inércia, diferentemente do touro representado pelo homem normal. Através dessa passagem, pode-se observar que o autor busca romper a perspectiva normativa centrada no estado de consciência, sendo assim uma colocação polêmica para a época em que esta obra foi publicada. Retomando a exposição da alegoria, o autor aponta que seria “como se esse muro de pedra realmente fosse apaziguador e contivesse, de fato, alguma verdade universal pela única razão de ele ser duas vezes dois” (p. 29), criticando enfaticamente os exacerbados limites impostos pela moralidade vigente. Dessa forma, retoma a divagação sobre sua doença, apontando que ela estaria justamente vinculada à sua consciência reforçada, responsável por sua inércia e por tê-lo impedido de tornar-se algo, não tendo se tornado “nem um inseto” (p. 23).

Assim, aprofunda-se em sua crítica quanto ao contraponto entre os desejos humanos e as leis e princípios morais, alegando haver uma impossibilidade de casamento entre ambos e que as classificações e sistematizações de possibilidades humanas sempre serão falhos por nunca conseguirem abarcar toda a profundidade e multiplicidade de fenômenos humanos, os quais nunca poderão ser reduzidos à algoritmos, fórmulas matemáticas ou qualquer outra propriedade científica existente. Nesse ponto, o Homem do Subsolo também destaca que a gama de desejos humanos se estende a ponto de muitas vezes se desejar até o mal a si próprio, e não apenas o proveito. Afirma: “O seu próprio, livre e independente desejo, o seu próprio, nem

que seja o mais selvagem capricho, a sua fantasia irritada, por vezes, até a loucura - tudo isso é justamente aquele omitido e o mais proveitoso proveito que não se insere em nenhuma classificação e por causa do qual todos os sistemas e teorias vão, constantemente, para o diabo” (p. 39).

Retomando a crítica ao racionalismo, o Homem do Subsolo alega que a partir do momento em que todo desejo tornar-se calculado e explicado, deixaria de existir pelo fato de que o sujeito iria raciocinar em vez de desejar, não podendo desejar o absurdo e se contrapor ao juízo ou o mal a si próprio. A crítica se prolonga ao cientificismo pelo fato de que se os desejos pudessem ser calculados, sistematizados e confundidos com o juízo, teria-se apenas que aceitar o futuro através de um determinismo irrefutável, sem possibilidade de mudanças, inexistindo, dessa maneira, o livre-arbítrio. Questiona, então: “...de onde provém [a] conclusão de que o desejo humano precisa tanto ser corrigido? Numa palavra, como sabem que tal correção realmente trará proveito ao homem?” (p. 44).

O Homem do Subsolo cita Buckle¹⁰ com o fim de contrapor sua afirmação de que a civilização tornaria o sujeito menos sanguinário e menos propenso à guerra, alegando que aquele se apega tanto ao sistema que acaba por distorcer, de propósito, a própria verdade com o fim de justificar sua lógica. Afirma também que o sujeito aprecia apenas a existência do projeto de tal sistema, mas que ao mesmo tempo não se sustenta e se apavora inserido no mesmo, justificando-se a destruição e o caos persistentes na história da humanidade, que no ponto de vista do autor nunca irão se esgotar. Conclui então que “‘duas vezes dois são quatro’ já não é vida (...), e sim o início da morte” (p. 46).

Voltando à sua doença, sobre sua inércia durante anos por conta de seu estado reforçado de consciência e a conseqüente permanência abafada em seu subsolo, afirma que uma vez saindo deste, falaria infindavelmente, como estaria de fato se dando a partir da escrita em seu diário íntimo.

4.3.2. SEGUNDA PARTE

Na segunda parte do livro, o Homem do Subsolo relembra a época de seus vinte e quatro anos para relatar ao leitor um episódio ocorrido neste período. Porém,

¹⁰ Henry Thomas Buckle (1821-1862), famoso historiador inglês, autor da *História da civilização na Inglaterra*.

da mesma forma que na primeira parte, a escrita não é nada objetiva e ocorre de dentro do subsolo, sendo assim demarcada por reflexões, acréscimos e distorções da realidade que busca representar.

Dentre suas memórias, realiza uma crítica, desta vez ao romantismo europeu dos anos 40 do século XIX, que estava sendo assimilado pela Rússia de outros países tais como a Alemanha e a França naquele período. Desta vez, a crítica não se dá somente através de um manifesto tal como na primeira parte, mas também a partir do declínio moral do Homem do Subsolo por meio da confissão de suas memórias. Começa expondo que na idade mencionada anteriormente apresentava uma vida solitária, sem amigos, e trabalhava numa repartição onde sentia que era enxergado pelos outros ao redor com asco, e questiona o motivo de supostamente ser o único a imaginar que as pessoas enxergavam-no de tal maneira. Afirma: “por causa da minha vaidade limitada e das consequentes exigências em relação a mim mesmo, eu me examinava, muitas vezes, com um desprazer colérico, o qual beirava o asco, e por esse motivo atribuía, mentalmente, a minha própria visão a qualquer um” (p. 57). Dessa forma deixa claro o desgosto que apresenta àqueles com quem trabalhava, e ao mesmo tempo, o fato de sentir medo deles por se sentir em uma posição de inferioridade.

Por outro lado, se refere como um “homem decente e (...) morbidamente desenvolvido, como devia ser o homem de [sua] época, enquanto [os outros] eram obtusos e parecidos entre si que nem os carneiros de um rebanho” (p. 58). Realiza, dessa forma, mais uma crítica à concepção de normalidade de sua época pautada na servidão às exigências morais, e tratando sobre o *rebanho*, alega que “nunca, mesmo no fundo do poço, perdem seu ideal, e sem moverem um dedo para este, sendo ladrões e gatunos rematados, veneram o primário ideal deles até chorarem e, ali na alma, são extraordinariamente honestos” (p. 60), destacando seu olhar sobre a contradição existente entre as exigências morais às individualidades. Mesmo criticando aos outros e se colocando em um lugar de superioridade (em contradição ao que foi apresentado no final do parágrafo anterior), nota-se um constante paradoxo entre a realidade do mundo e a apresentada pelo autor de dentro de seu subsolo: “era uma tortura martirizadora, uma ininterrupta e insuportável humilhação de pensar (e de sentir, ininterrupta e diretamente) que sou uma mosca aos olhos do mundo inteiro, uma mosca nojenta e repugnante - embora a mais inteligente, a mais desenvolvida e a mais nobre, bem entendido!” (p. 65).

Retornando à discussão sobre os eventos de sua vida, trata sobre uma vez em que passando em frente a uma loja, viu pelas janelas sujeitos se baterem com tacos de bilhar até um deles ser atirado pela janela. Nosso narrador então alega invejar o lugar do homem que havia sido arremessado em decorrência do tédio presente em sua vida, e com isso, busca entrar em conflito com um policial que se encontrava ao lado da mesa de bilhar, que logo o desafiou. Mesmo assim, nosso narrador se rende com raiva, e busca incansavelmente justificar seu rendimento ao leitor, remoendo essa passagem durante muito tempo. Inclusive, planeja maneiras pelas quais pudesse extravasar a raiva contida e se sentir em uma relação horizontal com o policial, perante o qual se sente em uma posição de humilhação, buscando assegurar o lugar de superioridade que visa incansavelmente transpor à realidade. Mas de dentro do subsolo, e somente dali, encontra uma saída para a situação: “sonhava horrivelmente, sonhava por três meses seguidos, escondido no meu cantinho, e acreditem que em tais momentos não me assemelhava àquele senhor que prendia. (...) Tornava-me, de repente, um herói” (p. 68).

Passados os três meses recolhido no subsolo, o narrador deseja retornar a se relacionar com outras pessoas, e então se destina à casa de Símonov, antigo colega da época da escola, e lá havia também dois outros ex-colegas: Ferfitchkin e Trudoliúbov. Conversavam sobre o almoço de despedida que desejavam organizar conjuntamente no dia seguinte ao também ex-colega Zverkov, que iria partir para uma província distante. Zverkov era bajulado pelos presentes por conta dos bons modos, pelo cargo de oficial e por ser considerado um conquistador de mulheres, e o Homem do Subsolo relata que já entrara em diversos conflitos com ele devido aos aplausos sobre tamanhas *nulidades*, tal como se refere. Em paralelo, também relata no diário sobre o fato de não ter recebido nenhuma atenção no momento de sua chegada, supondo que fosse em consequência dos fracassos em sua carreira profissional ou dos seus maus modos.

Os colegas combinavam a quantia que iriam investir conjuntamente para o almoço, e quando o nosso narrador propõe sua participação no evento, junto a sua contribuição financeira, os demais questionam o ato devido aos referidos conflitos que já tivera com Zverkov, o que torna o nosso protagonista atravessado por um ódio fervente. Após o retorno a sua casa, esse sentimento prevaleceu durante toda a noite, além de tudo devido ao fato de que não possuía em mãos o dinheiro que se propôs a pagar, roubando então do criado que morava em sua casa. Durante essa longa

noite, se recorda também dos difíceis tempos de escola, onde sofreu sucessivas zombarias maldosas das quais não suportava. A partir dos pensamentos apresentados no diário a respeito dessa época também é possível depreender os traços do personagem criado por Dostoiévski já desde seu período escolar:

Ainda com dezesseis anos de idade, fitava-os lúgubre; àquela altura, já me espantavam a mesquinhez de sua mentalidade e a tolice de suas ocupações, brincadeiras e conversas. Eles não compreendiam tais coisas indispensáveis, não se interessavam por tais assuntos vultuosos e assombrosos que involuntariamente passei a considerá-los inferiores a mim. (p. 77)

Pouco depois, o protagonista denomina a si naquela época por “déspota” (p. 78), motivo pelo qual não conseguia manter amizades mesmo quando desejava, e quando conseguia de fato estabelecer essas relações, aponta que logo repelia aos outros pelo fato de que somente precisava de amigos para *vencê-los* e se sentir em uma posição de superioridade. Após essa longa noite de pensamentos, acordou no dia seguinte já com a expectativa de que o evento pudesse trazer alguma mudança radical em sua vida, no qual provaria aos presentes de que não era um covarde e que os *venceria*: “eles abandonariam Zverkov, ele ficaria sentado de lado, silencioso e cheio de vergonha, e eu o esmagaria.” (p. 79).

Chegando ao local combinado, no horário que haviam estabelecido no dia anterior, o protagonista descobre que haviam alterado o horário da reserva para uma hora depois, o que de antemão já o deixou irritado pelo fato de nenhum deles tê-lo avisado. Ao chegarem, é curioso notar que quaisquer interações que realiza com os colegas são interpretadas como se estivessem em posição de superioridade, como se estivessem zombando-no simplesmente a partir de perguntas triviais sobre seu cotidiano. No decorrer da refeição, porém, torna-se impossível o asseguramento de um clima estável com a presença do nosso narrador, que trata a todos tal como se estivessem se relacionando de maneira hierárquica, buscando constantemente rebaixá-los e destacar-se. Com o clima que vai se gerando, demonstra de dentro do subsolo vontade de se retirar daquela mesa, mas sem colocar isto em prática pelo fato de que com isso se sentiria vencido. Sendo assim, decide que ficaria ali para desafiá-los, imaginando que dessa maneira poderia *vencê-los* mesmo que na prática estivesse contido sem nem ao menos olhar nos olhos dos presentes. No momento em que deixa de ser o centro das atenções, indignado, expõe no diário que “pensam que é uma honra (...) compartilhar a mesa com eles; nem sequer entendem que a honra é toda deles e não minha” (p. 84).

O Homem do Subsolo permanece então durante toda a noite naquele evento, invisível aos olhos dos presentes e incomodando-os intencionalmente. Quando anunciam que se deslocariam a um outro lugar sem convidá-lo, onde Zverkov teria relações com uma prostituta, nosso protagonista se arrepende de suas atitudes, pedindo perdão a todos sem sucesso. Sendo assim, guardando um insustentável rancor, passa a fantasiar as possíveis saídas da situação gerada: “o que tinha a fazer? Se fosse ali [ao encontro dos colegas], faria besteira; se deixasse o assunto como estava, faria... ‘Meu Deus! Será que posso deixar aquilo como está? Depois de tantas mágoas?’” (p. 92). Se destinou então até o lugar que haviam enunciado, imaginando por um lado seu declínio moral após um ataque a Zverkov que planejava realizar. Por outro, imaginava que ainda assim todos iriam implorar pela sua amizade.

Chegou então a uma casa onde inesperadamente não encontrou aqueles que procurava, e relata que bêbado, permaneceu num leve torpor até às duas horas da manhã, quando percebeu um olhar à sua frente o encarando na escuridão. Era Lisa, uma prostituta de 20 anos, pela qual o autor é enxergado finalmente como um homem culto, falando “igualzinho a um livro” (p. 102). Gradativamente vai se constituindo um clima de atração entre ambos, porém, logo ele se torna cético ao se enxergar em uma posição supostamente superior, e além do mais, devido ao asco que tem por si mesmo, não consegue sustentar a posição e logo realiza um discurso com o objetivo de ferí-la, o que ocorre de fato. Vemos então pela primeira vez o Homem do Subsolo sendo afetado pela situação gerada, pedindo desculpas à Lisa e passando seu endereço a ela, solicitando que o visitasse.

No dia seguinte, o Homem do Subsolo se sente “perplexo com [sua] sentimentalidade e todos esses ‘horrores e lamúrias’” (p. 109) do dia anterior. Mais do que isso, sentiu que precisava salvar sua reputação aos olhos de Zverkov e Simonov, escrevendo a este uma carta logo após o retorno do trabalho à sua casa: “Até agora fico maravilhado de lembrar o franco, benévolo, próprio de um verdadeiro gentil-homem, estilo de minha carta” (p. 110)

Através da carta busca justificar seus comportamentos referentes à noite anterior, estabelecendo a bebida como a principal causadora para tanto. Pedindo desculpas, escreve também que de forma alguma saíra daquela refeição sentindo-se rebaixado, percebendo o acontecido, de acordo com suas palavras, *como o perceberia um gentil-homem que trata a si próprio com tranquilo respeito*. Relata então ao leitor que se admira ao ler sua carta, que o faz se sentir em posição de um

homem culto e desenvolvido. Mas logo demonstra reconhecer que seus comportamentos nada tinham a ver com a bebida, e mais do que isso, relata que mesmo com a carta havia algo que não se rendia em si, que não desvanecia e que produzia a si sentimentos de tristeza: “algo fervia, fervia sem trégua, em minha alma, causava-me dor e não queria quietar-se. Todo angustiado, voltei para casa. Parecia que um delito me pesava na alma” (p. 111).

Mesmo assim, satisfeito com sua carta, outro tormento passou a ganhar maior peso em sua consciência, que era a possibilidade de Lisa se dirigir à sua casa e assim ser posto em xeque a imagem de herói que ele fizera de si a ela. Passa então dias e dias fantasiando as possíveis maneiras em que o próximo encontro entre ambos se daria, com asco do fato de que ela o destronaria ao ver as condições em que sua vida se encontrava. Agoniado, desloca a raiva contida naquele momento em seu criado, dentro de sua casa, para o qual curiosamente clama que o denuncie à polícia devido ao clima de violência gerado, mesmo que o criado não estivesse de fato interessado em conflitar-se com o patrão. No meio desse clima de fúria e instabilidade, Lisa chega ao apartamento.

Ocorrem então tentativas pelo estabelecimento de um diálogo entre ambos, até que de dentro do subsolo o nosso protagonista extravasa sobre a menina toda a raiva que remoia:

Por que tu vieste? Responde! Responde! (...) Eu te digo, querida, por que tu vieste. Vieste porque te dizia, daquela feita, palavrinhas melosas. Amolecesse, pois, e quiseste mais ‘palavrinhas melosas’. Mas fica sabendo que eu apenas ria de ti, então. E continuo rindo. (...) Os tipos que vieram, naquele dia, antes de mim, eles me ofenderam, então, no almoço. Eu vim àquela casa para espantar um deles, o oficial, mas não consegui, não os peguei lá. Precisava, pois, descarregar a mágoa sobre alguém, tomar a desforra, e tu vieste bem a calhar. Foi sobre tu que descarreguei minha raiva e foi de ti que zombei. Tinham me humilhado, e eu também queria humilhar; fizeram de mim um capacho, e eu também queria mostrar o poder... Foi aquilo ali, e tu pensaste que tivesse vindo, especialmente, para te salvar hein? Pensaste assim, diz? (p. 121)

Durante o discurso, Lisa inicialmente se mostra ofendida, mas compreendendo a situação em que o Homem do Subsolo se encontrava, passa a consolá-lo, até que ele passa a chorar em sua presença, de forma que passa em sua cabeça o fato que seus papéis teriam se invertido: ela passara a heroína, e ele, à humilhação, passando até a sentir inveja dela. Naquele momento, ainda na presença da menina, passa a refletir sobre sua dificuldade de se relacionar com ela devido à sua concepção de amor baseada na submissão do ente amado a um poder tirânico, sem ao menos

conseguir imaginar o que poderia fazer com o objeto conquistado. Após a saída de Lisa durante o clima gerado, afirma que “aquela coisa cruel não viera do coração, e, sim, [de sua] cabeça abobada. Aquela crueldade era tão falsa, tão cerebral, tão proposital e livresca que nem [ele mesmo suportou]” (p. 126). Arrependido, corre pelas ruas a sua procura, sem sucesso. Encerrando a escrita de seu diário, diz que guarda uma lembrança muito ruim desta época, e que o diário que era para ser inicialmente literatura passou à função de uma medida corretiva.

A maneira como o diário é encerrado se assemelha aos escritos que compõem a primeira parte do livro, na qual o Homem do Subsolo se manifesta sobre o fato de que as pessoas não suportam o sentimento de independência, e que logo estariam sempre a clamar para serem controladas: “até ser gente nos é complicado, quer dizer, ser pessoas com o seu próprio e verdadeiro corpo e sangue; sentimos vergonha disso, consideramos isso um opróbrio e procuramos ser uma extraordinária ‘gente em geral’” (p. 128).

4.4. PATOLOGIA MODERNA: O SUBSOLO

Friedrich Nietzsche, contemporâneo de Dostoiévski, aponta em sua obra dois tipos de moral, sendo elas a moral dos senhores (aristocrática) e a moral dos escravos (gregária), para as quais os conceitos de *bem* e *mal* irão se diferir entre si. De acordo com o filósofo, a primeira nasce da auto afirmação, enquanto a segunda, em contraponto, da auto-negação. Ou seja, no primeiro tipo, a perspectiva do olhar, centrada em si, afirma espontaneamente a identidade própria, não necessitando de um outro localizado no mundo exterior, ao qual teria que se opor para a construção do próprio eu; já no segundo tipo, há uma necessidade prévia de um estímulo estrangeiro a si para, por antítese, instituir por meio da negação a própria identidade e os próprios valores (Giacioia Junior, 2001).

A partir dessa distinção Nietzsche realiza uma outra complementar, entre o forte e o fraco (que pode ser aproximada da distinção realizada pelo Homem do Subsolo entre os homens normais e os homens de consciência). O aristocrático é dito forte considerando-se a presença de uma capacidade de esquecimento mais vigorosa, uma robusta força plástica de assimilação e regeneração anímica que lhe propicia desvencilhar-se com maior facilidade de experiências negativas. Já o

escravo, com a força de esquecimento debilitada, não é capaz de excluir da consciência a marca das vivências dolorosas, por isso é ressentido e incapaz de perdoar. Neste caso, ainda, o filósofo aponta que a descarga do afeto é inibida em sua direção ao exterior, de modo que só pode ser escoada pelo “canal subterrâneo” (Giacoina Junior, 2001, p. 87) da internalização, voltando-se contra o próprio sujeito, levando o sentimento de vingança a escavar profundidades cada vez mais fundas no psiquismo do sofredor (Giacoina Junior, 2001).

A partir disso, o filósofo define o homem moderno como um ser por essência fraco, ao qual as forças vitais autênticas não são desenvolvidas em decorrência do desenvolvimento descomunal da consciência moral, que constitui um sentimento intenso e patológico de culpa. Como escreve Giacoina Junior (2001), a partir do estudo da obra do filósofo:

no âmbito da ciência, ela [fraqueza do homem moderno] se expressa por meio do privilégio epistemológico atribuído a conceitos como reação e adaptação; na filosofia, pelo privilégio metafísico da razão pura e por seu caráter de teologia disfarçada, que sempre ainda despreza o corpo em proveito da alma; em moral e política, por meio da glorificação do altruísmo e da extensão universal do espírito de rebanho. (p. 88).

Como já explorado em um momento anterior, antes do advento da Modernidade o pensamento mítico religioso assegurava uma verdade instaurada enquanto uma genealogia sem fim, mas com a gradativa transição ao pensamento técnico-científico no Ocidente, a verdade passa a apresentar interpretações variadas e relativas: “onde a Modernidade instaura-se, a verdade religiosa estaria perdida, ou seriamente ameaçada” (Pereira, 2013, p. 647), dando origem ao mal-estar moderno abordado nesta pesquisa. A vida e obra de Dostoiévski situam-se propriamente neste período de transição, no contexto russo do século XIX, onde a sociedade ainda era permeada pelas tradições religiosas e encontrava-se em processo de assimilação da modernização europeia.

A partir disso, pode-se analisar a produção do autor pelo viés de uma análise dos valores que estavam sendo assimilados naquele contexto frente à verdade religiosa que situava-se em cheque no solo russo. Em suma, desde o retorno do exílio, Dostoiévski busca representar através de seus personagens o profundo mal-estar moderno marcado pela cientificização, racionalização, laicização e pela consequente

consciência hipertrofiada do sujeito moderno ocidental, e no caso da obra analisada, o mal-estar é representado a partir da própria lógica interna desses valores.

Na primeira parte do livro, o Homem do Subsolo manifesta-se contra a aceitação do determinismo social, que implica a consciência de que nada se pode fazer diante das denominadas leis da natureza. Já na segunda parte, na qual o protagonista descreve episódios em que esteve envolvido dezesseis anos antes, observa-se que ele era caracterizado justamente como um partidário de Tchernichévski, que desconsidera o fato de que alguns sentimentos não podem ser sufocados por um projeto racional da sociedade. Com isso, ao final da obra Dostoiévski busca apontar a disparidade nas tentativas de conciliação das ambições humanas aos ideais abstratos da Modernidade através da reação do Homem do Subsolo ao encontrar Lisa. De acordo com Fernandes (2021):

O individualismo e o egoísmo, resultados do anúncio de autonomia da Modernidade, são apresentados como impossibilidade por Dostoiévski quando Liza dissolve a vaidade do homem do subsolo. Considerado isso, busca-se aqui apresentar a desconstrução elaborada por Dostoiévski do que ele considerava uma suposta autonomia moderna, uma ilusão anunciada como possibilidade através de abstrações do desejo metafísico. (p. 150)

Ou seja, a violência com que o protagonista ofende Lisa fez com que ele se sentisse autônomo perante ela, porém, Girard (2009 *apud* Fernandes, 2021) aponta que a violência neste caso estaria longe de servir aos interesses do Homem do Subsolo. Estaria, por outro lado, a revelar a intensidade de seu desejo ao qual é escravizado: o de se sentir em posição de superioridade e de humilhar o outro. Em sua lógica egoísta, porém, ele não esperava que ela fosse irromper em seus braços para consolá-lo, e a consequência dessa atitude inesperada é o fato dele chorar pela primeira vez, exteriorizando seu sentimentalismo que naquele momento *vence* suas ambições racionais, sentindo-se ainda mais humilhado.

A obra é finalizada sem nenhuma proposta redentora, tal como ocorre em alguns dos grandes e mais aclamados romances dostoiévskianos¹¹, se limitando o escritor a apontar os limites da Modernidade através do declínio moral do Homem do Subsolo, demonstrando desacordo em relação à perspectiva de que a técnica e a

¹¹ Para Dostoiévski, somente a religião poderia ajudar o ser humano a superar suas inclinações caprichosas e destrutivas (Frank, 2018).

ciência poderiam ser tidas como elementos de conciliação às contradições inerentes ao convívio humano. Por outro lado, é importante enfatizar que a crítica realizada não se dá como pura rejeição da razão, mas como afirmação da necessidade de algo que viesse a preencher o vazio ontológico que ultrapassasse esse ideal, partindo da premissa de que os instintos não poderiam ser acorrentados e a mente, por sua vez, livre (Fernandes, 2021).

É possível dizer que o homem fraco teorizado por Nietzsche inicialmente dialoga diretamente com o personagem fictício que Dostoiévski criou em *Diário...* para representar o sujeito moderno ocidental, que evidentemente é caracterizado pela negação de seus motes próprios que permanecem negados e silenciados no subsolo. Por conta deste fator, Giacoia Junior (2001) aponta que ele apresenta sentimentos intensos de vingança, mostrando-se ressentido e incapaz de perdoar ou excluir de sua consciência vivências dolorosas, e transtornado, tenta anestesiá-la através da intensificação de outra espécie de sofrimento psíquico, que é o automartírio da consciência de culpa. Sendo assim, é possível dizer por fim que os principais determinantes do sujeito moderno ocidental são a consciência hipertrofiada e a culpa. E o subsolo, onde ele por fim se consoma: “No fim das contas, senhores: o melhor é não fazer nada! A melhor coisa é a inércia consciente! Então, viva o subsolo! (Dostoiévski, 1864/2019, p. 49)

5. CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS À DISCUSSÃO SOBRE O SUBSOLO MODERNO

Diário do Subsolo, dentre outras obras dostoievskianas tais como *O duplo* (1846) e *Crime e castigo* (1866), escritos anteriormente ao advento da psicanálise datado no início do século XX, apresenta um forte vislumbre em relação ao pensamento freudiano pelo fato de subverter o cientificismo e sistemas filosóficos holísticos que encontravam-se em voga no Ocidente ao final do século XIX, buscando evidenciar que no ser humano sempre haveria um fundo de indeterminação não abarcado pelo racionalismo científico:

Que graça haverá em desejarmos por tabelinha? Não só isso: o homem logo se transformará num pino de órgão ou algo parecido, porque um homem sem desejo, vontade e aspiração nada mais é que um dos pinos do eixo do órgão. (Dostoiévski, 1864/2019, p. 40)

Como apontado no subcapítulo anterior, a produção de Dostoiévski pode ser compreendida por uma análise dos valores europeus que estavam sendo assimilados pela Rússia ao final do século XIX, e no caso do *Diário...*, o Homem do Subsolo seria justamente uma representação de um sujeito que adota esses valores como eixos norteadores de sua vida. Quanto à psicanálise, Birman (2005) afirma que o conceito psicanalítico do inconsciente seria uma metáfora da nova maneira que o sujeito moderno estaria a se inserir e se relacionar com o mundo. Com isso, é possível aproximar o Homem do Subsolo dostoievskiano ao sujeito do inconsciente psicanalítico, ambos abordados como representações do sujeito moderno ocidental, justificando as aproximações em suas obras:

Nas memórias de qualquer pessoa há coisas que esta não revela a todo mundo, mas tão somente aos seus amigos. Há também outras que ela não contará nem aos amigos, mas tão somente a si mesma e de modo secreto. Por fim, há tais coisas que essa pessoa teme revelar até a si própria, e cada pessoa decente tem acumulado bastantes coisas assim. E mesmo desse jeito: quanto mais decente for a pessoa, tanto mais coisas ela esconde. Eu, pelo menos, só me atrevi há pouco tempo a relembrar algumas das minhas aventuras de outrora, as quais sempre contornava com certa inquietude. (Dostoiévski, 1864/2019, p. 50)

Todo indivíduo sabe que tem, dentro de si, coisas que preferiria não comunicar a outros, ou que absolutamente não comunicaria. São suas 'intimidades'. Além disso, pressente - o que constitui um grande avanço no conhecimento psicológico - que há também coisas que a pessoa não quer confessar a si mesma, que de bom grado esconde de si mesma e que, por isso, logo interrompe e afasta do pensamento quando ainda assim afloram. Talvez ela mesma perceba o germen de um curioso problema psicológico nessa situação, em que um pensamento seu deve ser mantido oculto de si

mesma. É como se seu Eu não fosse mais a unidade que ela sempre achou que fosse, como se nele houvesse ainda outra coisa, capaz de se contrapor a ele. (Freud, 1926/2014, p. 132)

Nesta parte da pesquisa, dois textos freudianos foram essenciais para contribuir à discussão sobre as relações do sujeito com a Modernidade, sendo eles *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) e *O mal-estar na civilização* (1930). No primeiro, Freud (1908/1996) inicia a escrita apontando a diferença entre uma moral sexual natural de uma moral sexual civilizada a partir de Von Ehrenfels, professor de filosofia em Praga elogiado pelo psicanalista devido às suas críticas à instituição do casamento. De acordo com o filósofo, a moral sexual natural se refere a um regime sob o qual a economia sexual de um grupo humano estaria de acordo com os critérios de saúde e eficiência; já a civilizada se refere a um regime no qual é estimulado uma intensa produtividade cultural em detrimento de se pensar os critérios privilegiados na primeira.

No início do século XX, tal como defendiam os princípios iluministas, Freud adotou à sua produção teórica o determinismo cientificista e acreditava na ciência enquanto ferramenta a solucionar os problemas que permeavam a natureza humana, atribuindo inicialmente à psicanálise o papel *curador* sobre os mesmos. A partir desta perspectiva, em *Moral sexual...* ele assegurou a hipótese da constituição do psiquismo como derivação inerente à ordem vital, além do ideal da possibilidade de uma homeostasia entre as pulsões e a civilização, pelo fato de que ao sujeito mostraria-se viável o domínio daquelas através do fenômeno da sublimação. Esta é definida no texto pelo fato de que os instintos barrados ainda teriam grande quantidade de energia a ser oferecida à disposição da atividade civilizatória, porém, de acordo com o autor, o domínio do instinto pela sublimação só poderia ser efetuado por uma minoria, enquanto a maioria tornaria-se neurótica ou sofreria alguma espécie de prejuízo.

Ainda no mesmo texto de 1908, Freud questiona a relação entre a subjetividade característica da Modernidade ocidental com a imposição da restrição sexual. Investigando o elo entre a abstinência e os ganhos civilizatórios, afirma que a primeira não contribui para produzir “homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores ou reformistas audazes” (Freud, 1908/1996, p. 181). Pelo contrário, estaria a produzir homens fracos, porém dóceis, que mais

tarde se perderiam na multidão seguindo os caminhos trilhados por aqueles indivíduos encarregados do poder. Conclui então que a moral sexual civilizada conceituada inicialmente por Von Ehrenfels desempenharia um papel crucial no incremento da doença nervosa moderna, frustrando os objetivos da civilização, e logo impossibilitando justificar as perdas por supostos ganhos:

...se uma sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucros. (p. 186)

Com a publicação de *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/2019) apresenta um novo discurso muito distinto quanto ao apresentado em 1908 ao tratar do conflito entre as pulsões e a civilização. Ele aponta que a vivência norteada pelo princípio do prazer não seria realizável, logo, tanto na busca de prazer quanto na de evitar o desprazer haveria um mal-estar, de forma que a “frustração cultural” (p. 102) estaria a dominar o vasto âmbito das relações sociais. Em outras palavras, o psicanalista passa a assegurar que o conflito seria de ordem estrutural, por mais que nunca renunciemos aos esforços de tentar solucioná-lo através de uma gestão, tal como será abordado no parágrafo seguinte.

Essa perspectiva colocou o sujeito moderno na condição de constante desamparo, e o laço social, em desarmonia, de forma que as relações entre as pulsões e a civilização passaria a ser abordada através de uma gestão permanente, consistindo em uma insistente elaboração de destinos eróticos e sublimatórios à pulsão. É importante pontuar que essa transformação no discurso freudiano não foi inédita aos anos 30, pois em 1915, no texto *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), Freud já havia apontado que as operações psíquicas do recalque e da sublimação estariam tratando justamente da gestão dos destinos das pulsões, não sendo tratados por mecanismos originários tal como no texto de 1908. Assim, Birman (2005) caracteriza a subjetividade justamente por esse lugar onde o circuito pulsional estaria a permanecer em uma constante gestão.

Ao abordar o desamparo a partir de sua insanabilidade, ele passa a assumir o lugar de pedra angular à continuidade da elaboração dos conceitos psicanalíticos, dando origem a conceitos como a Pulsão de Morte, a Angústia e a Feminilidade, e para além desses, a sublimação teve de ser adaptada a uma nova compreensão:

A gestão do desamparo toma uma direção bem precisa para o sujeito, diferente da versão freudiana inicial sobre a sublimação. Nessa versão, a sublimação era uma experiência de espiritualização, de ascese, pela qual a subjetividade seria purificada de seu erotismo perturbador. A sublimação aqui seria uma experiência de verticalização, desprendendo-se o sujeito de sua corporeidade animal e alçando-se aos pináculos da razão civilizatória. Contudo, em sua segunda versão, a sublimação não é um ato de espiritualização, mas de lateralização, não se desprendendo o sujeito do seu registro corpóreo. Pelo contrário, a sublimação implica na horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo desses laços. Pode-se depreender disso tudo não só porque nessa última versão freudiana não existe oposição entre erotismo e sublimação, mas também porque a gestão do desamparo implica e se desdobra nos registros ético e político. (Birman, 2005, p. 211)

É possível dessa forma observar que em *Mal-estar...* Freud realiza uma crítica sistemática ao seu discurso inicial sobre o conflito entre as pulsões e a civilização, sublinhando sua descrença na possibilidade de um progresso do espírito humano através da razão científica tal como propunha a ideologia iluminista. Assim, essa obra é caracterizada pelo ápice da crítica do fundador da psicanálise às ideologias fundantes da Modernidade que atravessavam os campos discursivo e cultural no qual ele encontrava-se inserido. Ou também, como apontou Birman (2005), esta obra é marcada pelo “estilo trágico de pensamento do discurso freudiano” (p. 217).

Outro conceito psicanalítico presente em *Mal-estar...* também traz uma grande contribuição à nossa discussão sobre a subjetividade moderna. Este conceito é o de supereu¹², teorizado por Freud como uma instância psíquica que possui a função de vigiar e julgar os atos e as intenções do eu, exercendo sobre o psiquismo uma atividade censora. O rigor do supereu seria, portanto, a mesma coisa que a severidade da consciência moral e o sentimento de culpa, e de acordo com o criador da psicanálise:

...o medo dessa instância crítica, que está na base de toda essa relação, a necessidade de punição, é uma manifestação dos impulsos do eu, que se tornou masoquista sob a influência do supereu sádico, ou seja, que usa uma parcela do impulso existente nele para a destruição interna, numa relação erótica com o supereu. (Freud, 1930/2010, p. 168)

¹² Este conceito foi apresentado por Freud pela primeira vez no texto *O eu e o Id*, publicado no ano de 1923

Essa instância já havia sido pincelada por Dostoiévski em *Diário...*, como se pode observar na última página da obra:

E por que nos agitamos, de vez em quando, por que enlouquecemos, o que pedimos? Não sabemos, nós mesmos, o quê. Nós mesmos pioraremos, se nossos pedidos loucos forem atendidos. Tentem, pois, deem-nos, por exemplo, mais independência, desamarrem os braços de qualquer um de nós, alarguem o círculo de atividades, afrouxem o controle, e nós... asseguro-lhes: nós pediremos logo para ficar, outra vez, controlados. (...) Até ser gente nos é complicado, quer dizer, ser pessoas com o seu próprio e verdadeiro corpo e sangue; sentimos vergonha disso, consideramos isso um opróbrio e procuramos ser uma extraordinária 'gente em geral'. (Dostoiévski, 1864/2019, p. 128)

Porém, através do trecho observa-se que por mais que Dostoiévski já tivesse observado que o ser humano se absteria de qualquer possibilidade de libertação de suas amarras sociais, não desenvolve a problemática do sentimento de culpa, que é explorado com maestria dois anos depois da publicação desta obra com *Crime e Castigo*, publicado em 1866. A partir da teorização do superego, Freud não somente sela a questão do desamparo incurável à condição humana, como também assegura que não bastaria a ausência de exigências morais para a libertação do ser humano social, para o qual haveria uma prisão dentro do próprio aparelho psíquico. Preso, o sujeito moderno ocidental encontra-se fadado ao fracasso independentemente das exigências externas, se afundando cada vez mais em seu subsolo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve por objetivo a investigação sobre o mal-estar moderno a partir de uma obra anterior ao advento da psicanálise escrita por Fiódor Dostoiévski, autor lido por Freud tal como este evidencia em *Dostoiévski e o parricídio* (1928):

Quanto ao escritor, há poucas dúvidas: ele [Dostoiévski] ocupa um lugar não muito atrás de Shakespeare. Os irmãos Karamazov é o mais formidável romance jamais escrito. (Freud, 1928/2014, p. 338)

Como foi levantado na pesquisa, Freud representou a subjetividade moderna ocidental através do inconsciente, enquanto Dostoiévski, em *Diário do Subsolo*, através do subsolo. Não seria possível dizer que ambos os conceitos coincidem entre si, porém, eles apontam para uma condição de vulnerabilidade inevitável à Modernidade, e com isso, foi possível o casamento entre as discussões levantadas em *Diário...* com as levantadas através da leitura das duas obras freudianas selecionadas para esta pesquisa, sendo elas *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) e *O mal-estar na civilização* (1930)

Através da leitura e análise destas, foram observados dois discursos distintos em relação ao conflito das pulsões com a civilização, e em *Diário...* puderam ser observados traços de ambas. Mesmo assim, o que se mostrou evidente com a leitura dos dois textos psicanalíticos elencados foi a relevância do segundo discurso freudiano publicado em 1930 à atualidade. Nele, evidencia-se não somente uma resignação da psicanálise em relação ao seu papel curador, tal como havia sido proposto por Freud em 1908, como também o selo da incurabilidade em relação ao sofrimento moderno, de forma que as pulsões nunca poderiam ser conciliadas às exigências civilizatórias. Porém, por conta do primeiro discurso, Birman (2005) aponta que muitos pós-freudianos ignoraram o segundo, assegurando um lugar mítico à psicanálise. E com a crescente decepção sobre a mesma para o fim prometido em seus primórdios, outros discursos acabaram por preencher o lugar dessa promessa ilusória, tais como a psicofarmacologia e o cognitivismo, que tais como a psicanálise de 1908, são embasados pelo racionalismo científico. Sendo assim, Birman (2005) aponta a importância de se retomar o último Freud, “retirando dele as consequências políticas que o desamparo originário impõe, para realizar a gestão do mal-estar no social” (p. 222).

Voltando ao problema do subsolo e tal como descrito ao final do parágrafo anterior, por mais que hoje nos encontremos num período pós-moderno, o subsolo moderno ainda permanece aberto, e a obra de Dostoiévski, mais atual do que nunca. Em uma época marcada pela negação do sofrimento e da própria morte, onde encontra-se em voga a propagação exponencial de novos diagnósticos psicopatológicos; onde o tratamento medicamentoso mostra-se em ascensão; e onde as pessoas se escondem por trás de imagens embebidas de ideais de bem-estar e felicidade, o encontro com o próprio sofrimento e com a condição humana tornam-se urgências éticas de nosso tempo, seja através da escrita em diários íntimos, seja por meio da técnica psicanalítica ou outra forma qual for.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento):203-224, 2005

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. *Revista Estudos Históricos*, Janeiro, v.11, n.21, p.43-58 1998.
<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2071>. Último acesso em 6 jan 2025.

CROCHÍC, J. L.; MASSOLA, G. M.; SVARTMAN, B. P. **A ideologia do cientificismo**. *Psicol. USP* 26 (1), 2015.

DOSTOIÉVSKI, F. **Diário do subsolo** (1864). São Paulo: Editora Martin Claret, 2019.

FERNANDES, A. **Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski**. *Revista de literatura e cultura russa* Vol 12 No 18, 2021.

FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise** (1957). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: um escritor em seu tempo**. Tradução: Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S.. **Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna** (1908). In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Os instintos e seus destinos** (1915). In: obras completas, vol. 12: Introdução do narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **A questão da análise leiga** (1926). In: Obras completas vol. 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Dostoiévski e o parricídio**. In: Obras completas, vol. 17 (1926-1929). Tradução: Paulo César de Souza - 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **O mal-estar na cultura** (1930). Tradução: Renato Zwick - 2a ed. Porto Alegre: L & PM, 2019.

FURTADO, M. A; SZAPIRO, A. M. **Escrita de si e interioridade: deslocamentos na relação com o sofrimento na contemporaneidade**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, n.1, p. 15 – 36, 2018.

GIACOIA JUNIOR, O. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

GREEN, A. **Introdução ao pensamento clínico**. *Jornal de Psicanálise* 51(95), 319-334. 2018.

KANT, I. “**Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?** ”. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*, 1783, p.11-19. Disponível em:
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/47502351/Kant - Que e iluminismo-libre.pdf?1469457071=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DKant+Que+e+iluminismo.pdf&Expires=1736438014&Signature=T80uRbuZsiRtKFi9VWKWfIvWae6aPYDgVArDmGTs6f6dVxJIFUCgqxXrSj4XmNXvjWpSdeVL7CQg1srECxuRoFVWsa007AjDhXVZnXkOVI8RJmkdPLfjGOr4AUKmZigWOW~gPEHVkbZU~jpXHvziTETPlmUo7vpe0B-k4dV~ZbHgssVKS5fCNn8wFd9uStfvWm8F9wSKr2DyeiNH9hGQE3lt09mOWhvo kmUgNwNL5qnVdeZU5LEVMBT5bneWIUYMPwUk1HmMzK9BIJbbJImJYGCyzSPzsymUtdjVBU3JoDV59m0getsZJUgiffQkh65HP~ffL0LNnNyxxaDObaA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 9 jan 2025.

MONTERO, R. **O perigo de estar lúcida**. Tradução de Mariana Sanchez. São Paulo: Todavia, 2023.

PEREIRA, A. C. H. **Ciência, razão e sintoma em *Memórias do Subsolo***. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 642-661, jul./dez., 2013.

ROAZEN, P. **Freud e seus discípulos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ROSA, M. **A psicanálise e o um-dividualismo moderno**. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 32-52, 2018

SANTANA, B. W. D. A de S. **O subsolo de um e de Outro: Freud em Dostoiévski ou Dostoiévski em Freud?** *Revista de Letras*, São Paulo, 46 (2): 13-29, jul./dez. 2006.

VIOLANTE, M. L. V. **Pesquisa em Psicanálise**. In: Coelho Jr, Nelson et al (org). (Org.). *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. 1a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.53-62.

